

## O ideal de Bitcoin e o Cripto-Anarquismo

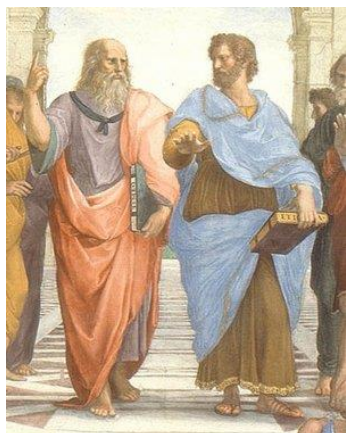
*As características e contradições do ideal libertário que envolve a moeda digital mais relevante da atualidade.*

Abril de 2017

**Thierry Dayr Leandro Chemalle<sup>1</sup>**

### A dicotomia filosófica entre o ideal e o empírico

**FIGURA 1 – “A Escola de Atenas” de Raffaello Sanzio**



Fonte: Khan Academy ([www.khanacademy.org](http://www.khanacademy.org)).

Na imagem acima há a representação de um recorte de uma das mais famosas obras do pintor renascentista Raffaello Sanzio, a “Escola de Atenas”<sup>1</sup>. Esta obra ganhou notoriedade e amplo espaço no debate filosófico em virtude de Raffaello

ter concentrado em um único ambiente alguns dos principais pensadores que constituem o cerne da filosofia ocidental. Em posição de destaque é possível ver Platão, que aparece no recorte ao lado à esquerda, apontando para cima, para os céus. Ao seu lado, à direita, está Aristóteles com a mão em posição horizontal, espalmada para baixo. De um lado o ideal e o intelegível, do outro o sensível e o empírico, dicotomia que permeia os espaços do pensar até os dias atuais.

O prêmio Nobel de economia Paul Krugman inicia seu artigo publicado no site do The New York Times em Dezembro de 2013 intitulado “Bitcoin is Evil” (Bitcoin é mau, em tradução livre) apontando para a distinção entre os conceitos de “economia positiva” e “economia normativa”. O primeiro refere-se ao modo como as coisas funcionam efetivamente. O segundo refere-se ao modo como as coisas deveriam funcionar. Tal distinção metodológica suscita a cisão proposta pelo sociólogo alemão Max Weber (1999), entre o tipo real e o tipo ideal, onde o

<sup>1</sup> Na representação original da obra além de Aristóteles e Platão, diversos outros filósofos foram lembrados por Raffaello Sanzio.

primeiro pode ser verificado a todo momento junto à realidade empírica e o segundo seria uma abstração, ideal, responsável por dar direcionamento ao caos da realidade. Tanto na sociologia quanto na economia, a realidade parece estar permanentemente descasada das formulações teóricas. Segundo Nassim Taleb (2016), o teórico dos Cisnes Negros, essa realidade não se dá por acaso e não poderia ser mais óbvia: embora o ser humano se esforce em construir arcabouços teóricos extremamente complexos para capturar a realidade e aprisioná-la no interior de planilhas de Excel, aquela invariavelmente mostra-se mais ágil e artilosa do que a mais complexa construção ideal. Taleb provavelmente diria que a realidade não cabe nos limites de uma curva em formato de sino<sup>2</sup>, embora tenha alguma utilidade para mitigar nossa sensação de impotência e incompreensão da realidade. Talvez esteja certo, do contrário, qual seria a necessidade filosófica e epistemológica de distinguir o que é real do que é ideal?

Krugman (2013) refere-se ao Bitcoin como uma espécie de arma que teria sido desenhada a partir de contornos libertários, cuja mira estaria permanentemente apontada para a capacidade dos Estados, Bancos Centrais e autoridades monetárias de realizar políticas macroeconômicas, coletar

impostos dos cidadãos e monitorar as transações financeiras feitas pelos indivíduos. Krugman encontra-se junto aos que enxergam o Bitcoin como um elemento utilizado para fins malignos, e também questiona suas virtudes macroeconômicas, questionando se o Bitcoin não seria uma espécie de bolha, pronta para estourar a qualquer momento. O posicionamento de Krugman ao longo do breve artigo escancara sua posição favorável à regulação estatal na economia e a necessidade de impor limites ao apetite do livre mercado.

### O Bitcoin<sup>3</sup>

Quando anunciado em 2008 por seu criador, Satoshi Nakamoto, o Bitcoin pretendia-se como uma alternativa de transferência de valores entre indivíduos sem a necessidade da validação de uma instituição financeira terceira, reduzindo drasticamente os custos envolvidos na mediação dessas transações. Em suma, pode-se afirmar que tal objetivo é de certa forma atingível quando trata-se da transferência de moeda física, presencialmente. Entretanto, a mesma tarefa no ambiente virtual encontra maiores barreiras, a principal, segundo Nakamoto, é a confiança entre as partes – o que justificaria a demanda por uma terceira parte idônea que asseguraria que os valores seriam efetivamente transferidos da parte A para a

---

<sup>2</sup> Durante seu livro “A lógica do Cisne Negro” (2016), Taleb refere-se constantemente às curvas de distribuição normal como “curvas em formato de sino”.

---

<sup>3</sup> Para melhor compreensão do conceito de Bitcoin e parte de suas características fundantes, favor consultar: <https://www.chicagofed.org/publications/chicago-fed-letter/2013/december-317>

parte B. O escopo de moeda digital apresentado garantiria através de meios tecnológicos (criptografia) que as transações ocorreriam sem a possibilidade de um dos agentes intervirem e subverterem de alguma forma o destino final da transação. Tal estrutura facilitaria e concederia relativa independência tanto no processo de transferência dos recursos, quanto na própria garantia de valor da moeda. As moedas fiduciárias tradicionais têm seu valor assegurado, grosso modo, pela credibilidade do Estado-nação responsável por sua emissão. O Bitcoin surgiria então como uma alternativa a este *establishment*, uma vez que não dependeria do lastro estatal para existir e ser utilizado para o fim de moeda. Esta característica aproxima o Bitcoin da descrição feita por Krugman (2013), e do ideal econômico dos cripto-anarquistas, uma vez que adicionaria um novo elemento na equação que distribui os poderes sobre a moeda e a economia entre os agentes.

### O Cripto-Anarquismo

Tim May escreveu em Novembro de 1992 o “*Crypto Anarchist Manifesto*”, ou Manifesto do Cripto-Anarquismo, em tradução livre. Direcionado aos simpatizantes e defensores da causa do *Crypto Anarchism* ou *Cypherpunk*, o manifesto traz logo em seus primeiros caracteres a sugestão de uma postura revolucionária. De maneira análoga ao “Manifesto do Partido Comunista”, escrito por Karl Marx e Friedrich Engels, o texto de Tim May é

iniciado com os seguintes dizeres: “Há um espectro assombrando o mundo moderno, o espectro da cripto-anarquia” (MAY, 1992, tradução nossa). May (1992) acredita que as inovações tecnológicas trarão a possibilidade de os indivíduos interagirem e se comunicarem de maneira totalmente anônima, sem a possibilidade de rastreamento por parte das autoridades ou qualquer entidade central.

Reputações serão de importância central, muito mais importantes nas negociações que os ratings de crédito dos dias de hoje. Esses desenvolvimentos vão alterar completamente a natureza da regulamentação governamental, a capacidade de cobrar impostos e o controle das interações econômicas, a capacidade de manter informações sob sigilo, e ainda vão alterar a natureza da confiança e da reputação. (MAY, 1992, tradução nossa).

May apostou que em um espaço de tempo de 10 anos após a publicação de seu manifesto a tecnologia já seria capaz de desenvolver-se para fazer com que suas ideias fossem economicamente possíveis e essencialmente imparáveis, em uma revolução que teria bases econômicas e sociais. Se por um lado a tecnologia de fato se desenvolveu em escalas astronômicas nos últimos 25 anos, o mesmo pode se dizer da capacidade regulatória das instituições centralizadoras. May imaginou que de fato as autoridades centrais não aceitariam de braços cruzados a evolução das práticas de liberdade. A justificativa do Estado e seus braços institucionais normativos passaria pela necessidade

de regulação em virtude de preocupações acerca da segurança da nação, o uso deste tipo de tecnologia para fins excusos, com o tráfico de drogas e evasão fiscal e também o receio da corrosão dos vínculos sociais que unem os indivíduos. Por uma questão de distância no tempo, May não definiu este ambiente livre entre os agentes, aberto às práticas subversivas e ilegais como o que chama-se hoje em dia de *deep web*, entretanto, sua semelhança é notável:

Muitas dessas preocupações serão válidas; a cripto-anarquia permitirá que segredos nacionais sejam negociados livremente e permitirá que materiais ilícitos e roubados sejam negociados. Um mercado anônimo e computadorizado fará com que seja possíveis mercados negros de assassinatos e extorsão. Vários criminosos e elementos forasteiros serão usuários ativos da CryptoNet. Mas isso não impedirá a propagação da cripto-anarquia. (MAY, 1992, tradução nossa).

### Considerações Finais

Voltando à abordagem inicial, que evidencia a dicotomia entre a interpretação idealizada, platônica e a empírica, aristotélica da realidade, pode-se pontuar que idealmente, o Bitcoin, como moeda, seria uma forma de expressão de grupos libertários como cripto-anarquistas e cypherpunks que objetivam reduzir, ou mesmo extirpar, a participação e o controle do Estado sobre a vida de seus cidadãos, desta forma, devolvendo aos indivíduos a autonomia do valor de sua moeda, uma vez que as

autoridades centrais de regulação não poderiam utilizar a moeda para fins de políticas macroeconômicas. Em seu livro “*Dream Psychology: psychoanalysis for beginners*”, Sigmund Freud (1920) diz que a psiquê humana é incapaz de diferenciar a realidade concreta dos fatos, daquilo que o indivíduo sonha, e mesmo até o que imagina. Em outras palavras, aquilo que é sonhado ou imaginado é tão marcante e tão intensamente sentido pelo indivíduo como uma experiência verdadeiramente vivida. A psiquê humana seria então incapaz de diferenciar os tipos ideais, dos tipos reais de Weber (1999), ou a economia normativa, da economia positiva de Krugman (2013). Talvez os seguidores cripto-anarquistas do Bitcoin sejam exemplares por excelência desta proposição psicanalítica. Ainda que os contornos que delinearam a criação do Bitcoin estivessem envolvidos por ideais libertários, é necessário constatar que os mesmos avanços tecnológicos que conferiram à internet, e também ao Bitcoin, a qualidade de propiciar zonas autônomas temporárias de liberdade, onde o indivíduo encontra abrigo da vigilância e controle estatal (BEY, 1985), também forneceram instrumentos de controle às autoridades centrais. Em outra palavras, ao passo que as práticas de liberdade evoluíram junto com a tecnologia, a efetividade do poder de controle também o fez. Michel Foucault nos lembra em sua obra “*Vigiar e Punir*” (2013) que as mesmas luzes e

esclarecimentos que trouxeram avanços tecnológicos, e por consequência a liberdade, inventaram também as forças de disciplina e controle. Mesmo tendo como propósito inicial a horizontalização das relações em torno do uso da moeda, o Bitcoin, para tornar-se amplamente aceito como uma moeda de fato, continuará sendo sujeito à constantes formas de fiscalização e regulamentação. Talvez o ideal de uma moeda integralmente desvinculada das autoridades centrais não passe de um amor platônico, ou um sonho libertário.

### Referências

BEY, Hakim. TAZ: Zona Autônoma Temporária, 1985. Disponível em:

<http://dodopublicacoes.files.wordpress.com/2009/02/taz.pdf> - Acesso em 21/01/2017

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2013.

FREUD, Sigmund. Dream Psychology: psychoanalysis for beginners. New York: The James A. McCann Company. 1920.

KRUGMAN, Paul. Bitcoin is Evil. 2013. Disponível em

[http://krugman.blogs.nytimes.com/2013/12/28/bitcoin-is-evil/?\\_r=0](http://krugman.blogs.nytimes.com/2013/12/28/bitcoin-is-evil/?_r=0) - Acesso em 21/01/2017.

MAY, Tim. The Crypto Anarchist Manifest. 1992. Disponível em

<http://www.activism.net/cypherpunk/crypto-anarchy.html> - Acesso em 21/01/2017.

NAKAMOTO, Satoshi. Bitcoin: A Peer-to-Peer Electronic Cash System. 2008. Disponível em <https://bitcoin.org/bitcoin.pdf> - Acesso em 21/01/2017.

TALEB, Nassim Nicholas. A lógica do Cisne Negro: o impacto do altamente improvável. Rio de Janeiro: Editora Best Business. 2016.

WEBER, Max. Economia e sociedade. Revisão técnica de Gabriel Cohn. Brasília: Editora UNB, 1999.

**<sup>1</sup> Thierry Dayr Leandro Chemalle é membro do Centro de Estudos em Processos de Investimento – FGV/EESP.**